

O GÊNERO ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E SUA RELAÇÃO COM O APOSTO: A GRAMÁTICA A PARTIR DE TEXTOS

Iranice Aníbal de Lima

Universidade Federal de Campina Grande – iranicecubati@gmail.com

Resumo: O trabalho com a gramática na sala de aula pode ser realizado a partir de várias perspectivas, desde a tradicional até a funcionalista, a respeito dessa última adotamos a análise linguística. Ainda que vários estudos venham sendo realizados neste campo verificamos ainda uma carência de trabalhos, principalmente no que refere ao estudo da Sintaxe, uma vez que processo de construção de atividades de análise linguística torna-se mais trabalhoso, pois é pautado em encaminhamentos que possam contribuir para a produção e a reescrita de textos a partir de uma perspectiva dialógica. Mediante esta situação, este artigo apresenta-se com o objetivo de refletirmos a respeito da função sintática do aposto, além disso nos propomos a descrever uma atividade que verdadeiramente atenda aos níveis de leitura e análise linguística. As bases teóricas que fundamentam o estudo assentam-se nos trabalhos de Bagno (2011), Geraldí (2004), Mendonça (2006) e Perini (1995), dentre outras produções que versam sobre o tema. Então, ressaltamos a possibilidade de integrar os eixos uso – leitura – e reflexão – análise linguística de modo complementar, através do gênero artigo de divulgação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Linguística; Funções do aposto; Ensino de língua.

1. Introdução

“Professora, por que estou estudando todas estas regras da gramática? Não consigo aprender todas estas classificações! Não sei falar Português!” Falas como essas são ditas diariamente por muitos alunos nas salas de aula de todo país, é o que podemos verificar nas observações para estágios que realizamos ao longo do curso de letras (língua portuguesa). É incrível como os alunos creem que não sabem falar uma língua que usam a todo momento.

Apesar das tantas mudanças quanto as concepções de língua, gramática e ensino, a pergunta que lateja em nós, enquanto professores de língua materna, é: Nas escolas brasileiras realmente as novas concepções condizem com as práticas pedagógicas? O que vemos, majoritariamente, é o ensino de língua fixado em regras gramaticais, sem considerar um contexto de uso da língua. Apesar dos avanços de estudos linguísticos, vemos discentes fazendo uso de gramáticas tradicionais (GT) em suas aulas, perpassando a noção de certo e errado, legitimando na mente dos discentes que realmente “eles não sabem o português”.

“Assumir determinada concepção de língua implica repensar o que é importante ensinar nas aulas de português e também como realizar esse ensino” (MENDONÇA, 2006, p. 206). Para tanto, neste trabalho assumimos o desafio de contemplar a concepção sociointeracionista da língua, uma vez que percebemos a escassez de atividades com recursos sintáticos sob uma abordagem pragmática nos livros

didáticos de português. Nos dispomos a abranger os eixos de leitura, escrita e análise linguística (AL), a respeito dessa última afirma Mendonça (2006, p. 204, grifo do autor):

Por isso, **a AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto**, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua.

Desse modo, a AL atrelado à noção de gênero textual como objeto de estudo da língua traz uma proposta inovadora para as aulas de gramática, e até mesmo para os estudos de sintaxe, os quais são tidos como complexos.

Diante desses apontamentos, este trabalho apresenta-se com o objetivo de refletirmos a respeito da função sintática do aposto, além disso nos propomos a descrever uma atividade que verdadeiramente atenda aos níveis de leitura e análise linguística.

Este artigo, bem como a proposta de atividade em análise foram construídos a partir das discussões realizadas na disciplina de Sintaxe Oracional, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Laura Dourado Loula Régis, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), para composição da nota do terceiro estágio. A atividade contempla como objeto de estudo da língua o aposto a partir do gênero textual artigo de divulgação científica.

Para tanto, além desta seção o trabalho é dividido em três seções: *O aposto nas perspectivas tradicional e funcionalista*, onde apresentaremos uma breve revisão literária deste recurso linguístico nas gramáticas; *Artigo de divulgação científica: uma proposta de leitura e análise linguística*, nesta, além de descrevermos brevemente as principais características do gênero trabalhado na atividade, refletimos sobre nossa própria capacidade de construção de questões que contemplem o estudo da sintaxe atrelado aos pressupostos funcionalistas. Por fim, apresentamos as considerações finais desse trabalho.

Ao passo que apresentamos uma proposta de atividade utilizando o recurso linguístico aposto, de sorte que contemple os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos, faz-se necessária uma discussão sobre como é o seu tratamento nas gramáticas tradicionais e reflexivas.

2. O aposto nas perspectivas tradicional e funcionalista

“A língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior do seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo” (GERALDI, 2004, p. 42). Em consonância com Geraldi pensamos a língua como espaço de interação, sujeita a mudanças, assim como os indivíduos que a falam. Neste sentido, observaremos como se dá o estudo da língua em gramáticas tradicionais e nas que propõem serem reflexivas (funcionalistas), em específico o tratamento do aposto.

Entre as tradicionais temos a “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2007). O aposto é contemplado quando os autores pensam acerca da oração e de seus termos acessórios:

Chamam-se **ACESSÓRIOS OS TERMOS** que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação. São **TERMOS ACESSÓRIOS**: a) o **ADJUNTO ADNOMINAL**; b) o **ADJUNTO ADVERBIAL**; c) o **APOSTO** (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 163, grifo do autor).

Logo, verificamos que o aposto é visto como uma informação que se retirada da oração não fará falta na compreensão do leitor/interlocutor. Além disso, considera o aposto como termo ou expressão de caráter substantivo:

é o termo de caráter nominal que se junta a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou apreciação. Com o aposto atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 169 e 173).

Compartilhando da mesma visão quanto ao caráter acessório, a “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa” de Domingos Paschoal (2008) apresenta:

Termos acessórios são os que desempenham na oração uma função secundária, qual seja a de caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância. São três os termos acessórios da oração: *o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto* (p. 360, grifo do autor).

Portanto, para o autor o aposto é “palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração” (PASCHOAL, 2008., p. 365).

Outro aspecto a destacar é que tanto nas explicações do conteúdo quando nos exercícios propostos, Paschoal usa muitas vezes frases isoladas retiradas das obras de escritores consagrados (como Machado de Assis, Rubem Braga, Graciliano Ramos). Por exemplo: 1. “‘Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores’”; 2. “‘Mas onde há essas posses, o mono não ousa passar por ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam ou outros só pelo prazer de matar’” (ambas as frases são de autoria de Rubem Braga). No exercício há questões para sublinhar o aposto, outras para classificar distinguindo-o do vocativo, também a partir de frases totalmente fora de seu contexto de produção.

Para tanto, parece-nos que realmente estudar o aposto fora de um gênero textual, isto é, somente a partir de frases soltas, faz transparecer que realmente é um termo acessório. No entanto, quando consideramos os contextos interacionais em que o aposto é utilizado verificamos que tal afirmação torna-se incoerente, visto que existe gêneros textuais como o artigo de divulgação científica que para alcançar o seu propósito comunicacional necessitam recorrer ao aposto, para que o leitor realmente compreenda o que está sendo comunicado.

Além disso, o modo como esse recurso linguístico é ensinado nas gramáticas até aqui analisadas não permite que o aluno reflita sobre a língua, prioriza-se portanto as nomenclaturas. Neste sentido, sob uma visão funcionalista em “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, Marcos Bagno (2011, p. 30) defende:

Na verdade, pode ser uma contradição em termos dizer que não se deve ensinar gramática se o objetivo é promover letramento. Mas não é uma contradição em termos quando tomamos o termo gramática em sua acepção mais corriqueira e reducionista: a *nomenclatura gramatical*. Saber o que é uma oração subordinada substantiva adjetiva direta reduzida de infinitivo não é saber gramática: é saber explicar aplicar um rótulo um retalho de linguagem.

É justamente pelas incompatibilidades nas definições quando confrontadas com os usos reais da língua que Perini, em sua “Gramática descritiva do português” (1995, p. 120), ressalta a necessidade de revisão do conceito de aposto:

(...) os parentéticos: elementos que podem posicionar-se livremente entre os constituintes oracionais e que na escrita são sempre separados por vírgula. Os parentéticos ainda não foram estudados com o cuidado que sem dúvida merecem; mas já se pode vislumbrar o suficiente para sugerir que a sua análise pode vir a ser importante para uma melhor compreensão de certos termos de comportamento algo obscuro, como o “aposto” da gramática tradicional (...).

Desse modo, temos que as gramáticas normativas vigentes necessitam de uma revisão em termos de reconhecimento e conceituação visto que é difícil determiná-lo somente pelos critérios morfológico e sintático, pois além de determinar o significado de outro termo, o enquadramento do mesmo com termo acessório não é pertinente.

Atentemos agora para a “Gramática reflexiva; texto, semântica e interação”, de Cereja e Magalhães (2005). De início verificamos que os autores não demarcam uma seção diferentes para *termos acessórios e fundamentais*, porém fazem uso de *termos ligados ao nome*, e até mesmo na conceptualização do aposto não há alusão a termos dispensáveis:

É o termo da oração que se refere a um substantivo, a um pronome ou a uma oração, para explicá-los, ampliá-los, resumi-los ou identificá-los. Enquanto o aposto serve para esclarecer ou ampliar o sentido de uma palavra do próprio texto, o vocativo remete a situação comunicacional, evidenciando o interlocutor e abrindo o canal da comunicação (p. 268 e 272).

Nesta gramática já percebemos alguns avanços, os exercícios sugeridos pelos autores trazem consigo uma certa reflexão sobre a língua, ou melhor, conduzem o aluno a analisar a função e importância do aposto e do vocativo na construção do gênero textual, não se resumindo apenas a uma mera identificação e classificação.

Em contrapartida, há outras obras que “se dizem” contextualizadas e funcionalistas, no entanto quando partem para a aplicação o tratamento da língua não condiz com o que se propôs. É o caso de “Contextualizando a Gramática”, de Cordeiro e Coimbra (2009), os quais na apresentação ao leitor afirmam: “buscamos justamente contextualizar a gramática. Com o cuidado de não utilizar o texto como pretexto para o ensino de regras cristalizadas, procuramos ampliar a teoria adequando-a à nossa realidade” (p. 3).

Ao passo que vemos como o aposto é apresentado constatamos que essa afirmação cai por terra, uma vez que este recurso linguístico não é analisado a partir de nenhum gênero textual, além do mais, após definições há uma série de exercícios que solicitam que o aluno identifique e reescreva frases.

Ainda outro agravante é que assim como as tradicionais, essa gramática admite o aposto como termo acessório: “O aposto é tido como termo acessório na oração, porque, apesar de acrescentar informações importantes, não é fundamental sintaticamente para a oração” (p. 157). A pergunta que nos resta é: Como um termo é, ao mesmo tempo, importante e não fundamental?

Mediante o que foi apontado, verificamos o quão complexo é ver na prática uma visão reflexiva que respeite o funcionamento dos recursos linguísticos nos seus diversos usos. O ensino de gramática é necessário sim nas salas de aula, o que faz a diferença é e a concepção e o modo como é trabalhada, já que “fazer reflexões sobre os usos da língua, reconhecer e apoderar-se dos recursos que a língua oferece, isso sim é estudar gramática” (BAGNO, 2011, p. 31). E de posse de todas esses questionamentos é que nos desafiamos e tentamos apresentar uma proposta de atividade que respeite a língua e seu funcionamento.

3. Artigo de divulgação científica: uma proposta de leitura e análise linguística

Produzimos a atividade com o objeto de tratar o recurso sintático partindo de um gênero textual, tendo a cautela de não usá-lo como pretexto, além do mais, modo estimulante e desafiador refletimos sobre a nossa própria produção. Como é difícil olhar para nós mesmos e para nossos procedimentos didáticos, contudo é tão necessário enquanto professores, pois é onde verificamos que tudo quando fizermos em sala de aula surtirá um efeito, positivo ou não, no aluno. Já dizia Paulo Freire (1995): “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”

3.1. Breve descrição do gênero Artigo de divulgação científica

O texto de divulgação científica é um tipo de texto expositivo e argumentativo, produzido mediante pesquisas, aprofundamentos teóricos e resultados de investigações sobre determinado tema, tendo como objetivo principal popularizar conhecimentos. É construído a partir de uma linguagem clara, objetiva e impessoal (destituído de marcas pessoais com verbos na terceira pessoas) e predominantemente no presente do indicativo.

Os suportes mais utilizados para a divulgação de texto são as revistas e jornais científicos, livros, plataformas de divulgação científica, televisão, internet. Esses textos possuem uma função primordial para o desenvolvimento da sociedade, posto que são divulgados conhecimentos diversos baseados em experimentos, estudos de caso, dentre outros.

Percebendo as características do artigo de divulgação científica analisaremos a seguir a atividade por nós construída, atentando sempre para

a função do aposto neste gênero. Vale ressaltar que o foco do nosso trabalho são as questões de análise linguística, as quais nos deteremos de modo mais detalhado.

3.2. Refletindo sobre o próprio fazer

A proposta de atividade, de modo geral, vincula-se a concepção sociointeracionista de língua. Além disso, contempla de forma complementar os eixos de leitura, escrita e análise linguística, compreendendo o gênero textual e seu contexto de produção como essenciais nas reflexões da língua e de seus recursos. Construimos a atividade a partir do artigo de divulgação científica intitulado “*Um grande remédio*”, publicado pela revista *Superinteressante*¹. Para uma compreensão global de como foi construída a atividade, vejamos o Quadro 1, com as etapas seguidas e suas respectivas questões e aspectos contemplados:

Quadro 1 – Descrição global da atividade

Etapas	Questões	Aspectos contemplados
Pré-leitura e Leitura	1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7	Articulação de conhecimentos prévios e inferências acerca do gênero textual, no que se refere ao contexto de produção, as partes constitutivas do texto e a temática trabalhada.
Atividades escritas de leitura e interpretação	8, 9, 10 e 11	Interpretação, reflexão, compreensão e avaliação sobre o que foi lido; reconhecimento das principais informações e características do texto.
Práticas de análise da linguagem e reflexão linguística	12, 13 e 14	Identificação e reconhecimento dos recursos sintáticos no texto; reflexão a partir de elementos linguísticos e discursivos essenciais à construção do gênero artigo de divulgação científica.

Observemos então algumas questões orais de pré-leitura e as questões de leitura e interpretação:

- Pela diagramação do texto na página, qual o gênero textual em questão? Justifique.
- Onde foi publicado este texto? O que você sabe a respeito desse veículo de comunicação?

¹ Conferir, na íntegra, o artigo de divulgação científica “*Um grande remédio*”, texto base desta atividade, no site www.superinteressante.pt/index.php/mente/artigos/2950-um-grande-remedio.

- Pelo título do artigo, “*Um grande remédio*”, quais hipóteses você levanta a respeito do tema principal? O que seria esse remédio?
- Observe que o título traz a palavra *remédio* em negrito. Por que se utiliza esse recurso?
- Você concorda com o posicionamento do autor acerca do humor ajudar de modo eficaz a lidar com situações trágicas e tensas? Alguma vez você passou por situações em que ele exerceu esse papel? Cite exemplos.

Verificamos que os questionamentos conduzem o aluno a produzir inferências sobre o gênero textual Artigo de divulgação científica, levando-o a perceber suas características ligadas sempre ao contexto de produção (alternativas 1 e 2), principalmente no que refere ao objetivo de comunicação do gênero, numa ação complementar à prática de leitura. Uma vez que respeita o gênero textual, não parte já para questões gramaticais pois entende a língua como espaço interacional, e que os gêneros se apresentam como situações comunicacionais que envolvem objetivos e intenções a serem alcançadas, é o que ocorre com a reflexão sobre o uso da letra em negrito para despertar a atenção do leitor pelo assunto abordado (alterna. Além disso, as alternativas 3 e 5 instigam no discente a produção de sentido e aproximação com a realidade, concordando então com a nossa compreensão de que a leitura não é simplesmente decodificação, contudo um processo de atribuição de significados, “a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. O encontro com o autor ausente se dá pela sua palavra escrita. O leitor nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações” (GERALDI, 2004, p. 91).

Nos deteremos agora de modo mais detalhado na seção *Práticas de análise da linguagem e reflexão linguística*, observemos então a questão 12:

12) Observe o subtítulo do artigo: *O humor e a sua manifestação fisiológica, o riso, aliviam tensões em situações difíceis e produzem inúmeros benefícios no nosso organismo*. Podemos ver que a partir daí já compreendemos a ideia principal do texto, no entanto, ao longo dele o autor utiliza a fala de alguns sujeitos:

- a) Identifique quem são estas pessoas;
- b) Qual a intenção do autor ao colocar o discurso direto destas pessoas levando em consideração o objetivo desse gênero textual?
- c) Perceba que o autor sente a necessidade de especificar qual seria a manifestação

fisiológica. Identifique qual é esse especificador e o objetivo do autor ao usá-lo.

Podemos verificar que as letras *a* e *b*, conduzem o aluno a perceber o propósito enunciativo do gênero, à medida que identifica que o autor do texto recorre a citações diretas de especialistas no assunto, com o objetivo de dar maior credibilidade ao que se está sendo dito, realizando um jogo entre os aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos à medida que contempla a função relevante dessas citações para o sucesso na recepção do texto pelo leitor e para o seu convencimento.

Já a letra *c* faz com que ele identifique o recurso do aposto e sua função explicativa e especificativa visto que não se refere a qualquer manifestação fisiológica, logo, é função do artigo de divulgação científica usar de recursos linguísticos que permitam que o leitor compreenda claramente a que se refere. Portanto, a concepção de gramática que prevalece não é a tradicional, trazendo definições sobre o aposto, mas, partindo gênero, o aluno perceberá sua importância e função antes mesmo de saber se classifica como aposto.

Quanto à questão 13, temos:

13) Observe alguns trechos do artigo:

Trecho 1: A investigadora Lisa Rosenberg, do Centro Médico da Universidade Rush, de Chicago (Estados Unidos), analisou a forma como o humor pode ajudar em trabalhos que exigem tomar decisões rápidas e precisas.

Trecho 2: A investigadora Lisa Rosenberg, analisou a forma como o humor pode ajudar em trabalhos que exigem tomar decisões rápidas e precisas (adaptado).

Trecho 3: Scott Weems, autor do livro Ha! The Science of When We Laugh and Why, reflete sobre as anedotas que circularam por ocasião dos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque e Washington:

Trecho 4: Scott Weems, reflete sobre as anedotas que circularam por ocasião dos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque e Washington (adaptado).

- a) O que há diferente entre os trechos 1 e 2 e entre os trechos 3 e 4 do artigo? Como foi a sua compreensão do texto original para o adaptado?
- b) Quais os trechos em que ao ler você se sente mais convencido do que está sendo dito? Por quê?

Essa questão contempla de modo mais aprofundado o uso do aposto, através de comparações o discente percebe que a ausência deles

compromete a compreensão do texto (aspectos sintático-semânticos) e que sua presença especificando quem seria Lisa Rosenberg e Scott Weems, apresenta-se como argumento de autoridade e convencimento para o leitor do artigo (aspectos pragmático-discursivos).

Atentemos para a número 14:

14) As informações ausentes dos trechos adaptados, e muitas outras presentes no artigo de divulgação científica são classificados pelas gramáticas como apostos, exercendo no texto diversas funções como explicar e especificar algo ou alguém. Vejamos uma definição de aposto segundo a gramática tradicional:

“Chamam-se acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação. São termos acessórios: a) o adjunto adnominal; b) o adjunto adverbial; c) o aposto” (Cunha & Cintra, 1985, p. 145).

- a) Como você entende esta afirmação, principalmente no que se refere ao aposto ser um termo acessório?
- b) Pense um pouco sobre os apostos destacados: *A investigadora Lisa Rosenberg, do Centro Médico (1) da Universidade Rush (2) de Chicago (3)*. Assinale as alternativas mais adequadas:
 01. Os apostos destacados não têm importância nenhuma para a construção do referente (Lisa Rosenberg).
 02. Os apostos ajudam a saber quem é Lisa Rosenberg, no entanto podem ser retirados da frase sem prejuízo de sentido, ou seja, são só acessórios;
 03. Vemos que os apostos estão servindo para especificar e explicar quem é Lisa Rosenberg, apontando para sua relação com o tema do artigo;
 04. Os apostos destacados são indispensáveis no texto, pois além de ajudar o leitor a compreender quem é o referente, conferem uma maior autoridade para o que está sendo dito.
- c) Se a função do gênero artigo de divulgação científica é garantir que os leitores compreendam o assunto abordado e os referentes citados nos seus argumentos, **o aposto é realmente um termo acessório?** Justifique sua resposta relacionando com o texto lido.

Por fim, vemos que o termo aposto e sua definição de acordo com a gramática tradicional é apresentado ao aluno, o que acreditamos ser importante para que perceba e analise as duas

visões sobre o conteúdo. A questão como um todo entende a língua com processo, ao passo que apreende a situação discursiva como determinante no uso da língua, e não ao contrário.

Na alternativa *a* temos apenas a construção do significado do *termo acessório*, contudo são nas alternativas *b* e *c* que o discente pode analisar dentro do artigo *Um grande remédio*, que o aposto não compreende um termo acessório e portanto descartável, mas que no gênero em questão ajuda-o a construir sentido sobre os referentes citados no texto e a entenderem claramente os benefícios do humor na vida das pessoas. Assim, verifica por meio de reflexão epilinguística que a gramática tradicional, por vezes, não atende aos usos da língua, dado que nos gêneros orais e escritos os conceitos por ela previstos ganham novas formas e funções.

Consideramos então que a partir de uma visão pragmática esta atividade privilegia a unidade do texto, procedendo do gênero textual *artigo de divulgação científica*, contemplando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos. Então, privilegia o contexto de produção paralelo às escolhas linguísticas utilizadas para alcançar seu objetivo primordial: popularizar conhecimentos.

4. Considerações finais

Este trabalho buscou refletir a respeito da função sintática do aposto, além disso nos propomos a construir e analisar uma atividade de nossa própria autoria, verificando se atende ou não verdadeiramente aos níveis de leitura e análise linguística. As reflexões realizadas ao longo deste artigo permitiram constatar que o trabalho com a gramática aliado à análise linguística, apresenta-se como um instrumento eficaz e possível para o estudo da língua, uma vez que instiga no aluno a percepção do seu funcionamento dentro das mais diversas situações de uso, sem priorizar as normas cristalizadas das gramáticas tradicionais.

Dessa forma, acreditamos que este trabalho possa colaborar para com àqueles que entendem a análise linguística como uma ferramenta importante no ensino de língua, mas que ainda não conseguem unir a teoria à prática pedagógica. Além disso, ressaltamos a relevância de produções que contemplem recursos da sintáticos a partir da AL, porquanto ainda que vários estudos venham sendo realizados neste campo verificamos ainda uma carência de trabalhos, principalmente no que refere à Sintaxe.

Referências

- BAGNO, Gramática Pedagógica do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação.** São Paulo: Atual, 2005.
- CORDEIRO, Lécio; COIMBRA, Newton Avelar. **Contextualizando a gramática.** Recife: Editora Construir, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DOMINGOS PASCHOAL, Cegalla. **Novíssima Gramática da língua portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GERALDI, João Vanderley. **O texto na sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola, 2006, p.199-226.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1995.